







Mano Brown



Edi Rock





Ice Blue

KL Jay







**RACIONAIS MC'S**

# **Sobrevivendo no inferno**

Copyright desta edição © 2018 by Racionais MC's

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Agradecimentos especiais a Eliane Dias e Boogie Naibe.  
Agradecemos também a colaboração de Marcus Vinicius Kamau.

CAPA Marcos Marques

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Nilson Cardoso

IMAGENS DE MIOLO E QUARTA CAPA Klaus Mitteldorf

PROJETO GRÁFICO Bruno Romão

PREPARAÇÃO Vadão Tagliavini

REVISÃO Valquíria Della Pozza  
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Racionais MC's

Sobrevivendo no inferno / Racionais MC's. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3173-0

1. Massacre do Carandiru (1992) 2. Música popular — Brasil — História 3. Racionais MC's (Conjunto musical) 4. Rap (Movimento musical) — Aspectos sociais 5. Rap (Música) — Brasil I. Título.

18-20092

CDD-782.4216490981

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Rap : Música popular : Brasil 782.4216490981

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Em memória!*

*Kiko, Nego Dinho, Keo, Helio, Kiko, Carlinhos*



*Refrigere minha alma e guia-me pelo  
caminho da justiça.*

Salmo 23,3

*E mesmo que eu ande no vale da  
sombra e da morte, não temerei mal  
algum porque tu estás comigo.*

Salmo 23,4





## **O evangelho marginal dos Racionais MC's 19**

Acauam Silvério de Oliveira

### **SOBREVIVENDO NO INFERNO**

- 1. Jorge da Capadócia 42**
- 2. Gênesis (Intro) 44**
- 3. Capítulo 4, versículo 3 48**
- 4. Tô ouvindo alguém me chamar 58**
- 5. Rapaz comum 72**
- 6. ... 80**
- 7. Diário de um detento 82**
- 8. Periferia é periferia (em qualquer lugar) 90**
- 9. Qual mentira vou acreditar 98**
- 10. Mágico de Oz 112**
- 11. Fórmula mágica da paz 120**
- 12. Salve 134**

**Agradecimentos 140**

**Ficha técnica do disco 142**

**Créditos das músicas 143**



## O EVANGELHO MARGINAL DOS RACIONAIS MC'S

ACAUAM SILVÉRIO DE OLIVEIRA\*

Em 2 de outubro de 1992, São Paulo foi palco daquela que é considerada a mais violenta e brutal ação da história do sistema prisional brasileiro: o massacre do Carandiru, intervenção assassina da Polícia Militar do Estado de São Paulo que resultou na morte de pelo menos 111 detentos, a maioria composta de réus primários, sem nenhuma chance de defesa. Extermínio puro e simples que até hoje não foi reconhecido pelo Estado enquanto tal — documentos oficiais tratam o episódio como “rebelião” ou “motim” do Pavilhão 9.

Num intervalo de poucos meses, o país foi palco de outros dois massacres que chocaram o mundo. Em 23 de julho de 1993, quatro policiais militares dispararam contra cerca de cinquenta crianças e adolescentes em situação de rua que dormiam nas escadarias da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, deixando oito mortos e dezenas de feridos, num episódio que ficou conhecido como chacina da Candelária. E apenas um mês depois, em 29 de agosto de 1993, mais de trinta policiais militares encauzados e sem uniforme assassinaram friamente 21 pessoas na chacina de Vigário Geral. Ao contrário do que afirmou a PM, nenhum dos mortos possuía ligação comprovada com o tráfico.

\*Professor de literatura brasileira na Universidade de Pernambuco.

A sucessão de tragédias programadas no intervalo de menos de um ano confirmava, para quem estivesse disposto a ver, que o genocídio ocorrido no Carandiru não só não havia sido um acidente, como se tornava uma norma que não se restringia às cadeias do país. Longe de se tratar de equívocos ou desvios, a série de episódios trágicos configurava-se como um verdadeiro projeto de gerenciamento da miséria por meio da violência. O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados “criminosos”, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública.

A compreensão profunda dessas tragédias — não como meros acidentes de percurso da civilização brasileira mas como fundamentos mesmo de um projeto nacional — estará no centro de diversas mudanças ocorridas no campo cultural, que progressivamente tornariam possível o surgimento daquele que seria um dos mais importantes fenômenos culturais da história do país, um disco no qual o massacre do Carandiru seria reconhecido como o acontecimento decisivo da nossa época (ocupando literalmente o centro do álbum), revelador da verdade maior do Estado brasileiro, contra o qual era necessário reagir.

O ano é 1997 e o disco é *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's.

#### OS QUATRO PRETOS MAIS PERIGOSOS DO BRASIL

Em 1997, os Racionais MC's já eram considerados um dos mais importantes grupos do cenário hip-hop nacional. O grupo se formou em 1988 a partir do encontro entre Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Pedro

Paulo Soares Pereira (Mano Brown) — moradores do extremo sul de São Paulo — com Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) — moradores da Zona Norte — por meio da atuação do produtor cultural e ativista político Milton Sales, que conhecia tanto a cena que rolava na estação São Bento do metrô, frequentada por Brown e Blue, quanto a casa noturna Clube do Rap, na Bela Vista, dominada por KL Jay e Edi Rock, ambas na região central da cidade. Naquele mesmo ano, as composições “Pânico na Zona Sul”, de Brown, e “Tempos difíceis”, de Edi Rock e KL Jay, entrariam na coletânea *Consciência black*, e dois anos depois o grupo gravaria seu primeiro disco, *Holocausto urbano*, vendendo cerca de 200 mil cópias e tornando-se conhecido em todas as periferias paulistanas.

Após o EP *Escolha seu caminho* (1992), que contava com apenas duas composições (“Negro limitado” e “Voz ativa”), o grupo lança aquele que seria um dos grandes discos da história do rap, um marco para a história do movimento hip-hop e para o processo de autorreconhecimento das comunidades periféricas brasileiras: *Raio X do Brasil* (1993). O álbum apresentou uma série de mudanças em relação aos trabalhos anteriores, marcando uma nova postura do grupo diante de sua comunidade. Canções como “Fim de semana no parque” e “Homem na estrada” fazem do disco uma das mais importantes e radicais realizações culturais da época.

Mas é com *Sobrevivendo no inferno* que os Racionais alcançam projeção nacional, vendendo cerca de 1,5 milhão de cópias e atingindo todos os estratos sociais, de mãos a playboys. O feito torna-se ainda mais impressionante se levarmos em consideração as relações tensas do grupo com o mercado fonográfico brasileiro em todas as suas ramificações, relutando em dar entrevistas e receber premiações ou divulgar seu

trabalho na grande mídia. É importante salientar que, com o crescente sucesso comercial, a relação do grupo com a mídia, a imprensa, a crítica e o mercado se tornará cada vez mais complexa. Afinal, como “negociar” com as instâncias hegemônicas de legitimação sem abdicar do radicalismo de sua posição de classe? Diga-se de passagem, as complexidades e aporias dessa posição serão brilhantemente transformadas em questão estética no trabalho seguinte do grupo, *Nada como um dia após o outro dia* (2002), sintetizadas pelos antológicos versos de Edi Rock em “Negro drama”: “O dinheiro tira um homem da miséria/ Mas não pode arrancar de dentro dele a favela”.

Progressivamente, *Sobrevivendo no inferno* foi sendo reconhecido como uma das grandes obras-primas da música popular brasileira. Pode-se dizer que nesse trabalho, lançado pela produtora independente Cosa Nostra, criada pelos próprios Racionais, o grupo alcança sua maturidade estética e crítica. Essa nova maneira de tematizar o cotidiano periférico teria impacto em vários segmentos artísticos, como a literatura, o teatro, o cinema e a televisão, tornando o grupo uma espécie de vetor para as mais diversas produções artísticas da periferia. O gradual reconhecimento do valor estético e cultural da obra levou também a um crescente interesse acadêmico, que se faz multiplicar em teses, artigos e dissertações. Mais recentemente, a obra entrou na lista de leituras obrigatórias de um dos mais prestigiados vestibulares do país. Em 2015, por ocasião da visita do papa Francisco ao Brasil, o então prefeito de São Paulo ofereceu o disco como presente do município ao sumo pontífice.

Seu impacto no cenário nacional pode ser comparado sem exageros ao de outras grandes obras pertencentes aos mais diversos campos culturais, como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado

de Assis, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Terra em transe*, de Glauber Rocha, e *Chega de saudade*, de João Gilberto. Em termos políticos, contudo, é praticamente sem paralelo. Para o ensaísta Francisco Bosco, por exemplo, o reconhecimento obtido pelo grupo após o sucesso nacional de “Diário de um detento” foi o grande responsável por fazer com que os debates promovidos pelos movimentos identitários extrapolassem as fronteiras mais estreitas da academia e dos movimentos sociais, ganhando assim o campo mais amplo da cultura. Já para o sociólogo Tiaraju D’Andrea, mais do que simplesmente representar o cotidiano periférico em crônicas poderosas, a obra dos Racionais ajudou a fundar uma nova subjetividade, criando condições para a emergência do que ele define como “sujeito periférico”: o morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele. O termo “periferia” passaria a designar não apenas “pobreza e violência” — como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico —, mas também “cultura e potência”, confrontando a lógica genocida do Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer.

A atuação do grupo foi decisiva para fazer do rap muito mais que uma simples representação da periferia. Sua radicalidade e seu senso de “missão” (afinal, “rap é compromisso”, já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil.